

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

O MUNDO DO TRABALHO E A MAXIMIZAÇÃO DO DESEMPENHO

M. Laurinda R. de Sousa

*“O mundo ocidental atingiu um novo estágio de desenvolvimento: agora a defesa do sistema capitalista requer a organização da contrarrevolução interna e externa. Em suas manifestações extremas pratica os horrores do regime nazista. Massacres por toda parte... contra tudo que é chamado “comunista” (poderíamos acrescentar “terrorista”) ou que está em revolta contra governos subservientes aos países imperialistas. A perseguição cruel prevalece nos países da América Latina sob ditaduras militares e fascistas. A tortura se tornou um instrumento normal de ‘interrogação’ ao redor do mundo. A agonia das guerras religiosas revive no auge da civilização ocidental, e um fluxo constante de armas dos países ricos para os países pobres ajuda a perpetuar a opressão da libertação nacional e social”. (Marcuse, *Contrarrevolução e Revolta*, 1972)*

Minha proposta, para este encontro, é a de abrir uma conversa entre *Eros e Civilização* e outras leituras contemporâneas que têm acentuado a precarização da vida e, mais especificamente, discorrer sobre os efeitos do avanço do neoliberalismo no mundo do Trabalho. Meu interesse inicial foi despertado pelo desenvolvimento que Marcuse propõe sobre o *conflito irreconciliável entre o trabalho alienado (princípio do desempenho) e Eros*; afirmação que me pareceu significativamente atual. E, logo em seguida, pelo Argumento de autoria de Plínio Prado para a apresentação deste Congresso, apontando para um dos sintomas da nossa contemporaneidade: o desinvestimento das relações amorosas, tendo como concorrência a adição à internet, a pornografia e o sexo online. A rejeição atuando contra tudo que poderia ser causa de estranhamento e perturbação: o encontro com o outro. Minha hipótese é de que o empreendedorismo, próprio do neoliberalismo, ao incentivar a concorrência, o individualismo e a maximização do Desempenho, está, também, entre as causas que acentuam a evitação das relações amorosas.

Em 1966, 10 anos depois da primeira publicação, Marcuse prefaciou seu livro com um tom otimista. Imaginava ou sonhava com a possibilidade de ruptura na união fatal entre a produtividade e a destruição; entre a dominação e a conquista da liberdade.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Mas, o sonho revelou-se pesadelo: as liberdades alcançadas, cresceram no solo da escravização e mantiveram essas marcas; transformaram-se em império da lei dos outros. Uma imposição de domínio; de entrega à servidão voluntária. Experiência já denunciada muito tempo atrás por La Boétie e, mais recentemente por Foucault ao descrever o poder disciplinar, a docilização dos corpos e a biopolítica¹. A sociedade atual, nós o sabemos, tornou-se uma sociedade de guerra; corpos mutilados e esqueléticos que nos assombram de lugares próximos ou distantes.

Contra isso, foi como possibilidade de resistência que Marcuse anunciou uma aposta: a aposta na luta pela vida; na luta por Eros – uma luta política. Sustentamos ainda essa aposta?

Já no prefácio anterior, na primeira edição, ele pôs de relevo a equivalência entre as categorias psicológicas e as categorias políticas ao afirmar que a perturbação particular reflete diretamente a perturbação do todo, e que, portanto, a cura dos distúrbios pessoais depende da cura de uma desordem geral (p.19). Essa afirmação nos aproxima do que Freud anunciara em *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921): a psicologia individual é simultaneamente psicologia social, ou seja, somos atravessados subjetivamente por tudo que acontece ao nosso redor.

Nesse sentido, é impossível manter a indiferença diante das cenas de violência que nos atingem diariamente, a menos que fechemos os olhos e os ouvidos, a menos que nos isolem patologicamente da realidade. A impossibilidade de uma ação eficaz e necessária diante da crueldade contemporânea, também faz sintoma. Em *Bem-vindo ao deserto do real*, Žižek (2003) reafirma o lugar do sintoma como efeito de uma ausência da ação social necessária:

Quando perco uma oportunidade ética crucial e deixo de realizar a ação que “mudaria tudo”, a própria inexistência do que *eu deveria ter feito* há de me perseguir para sempre: apesar de não existir o que eu não fiz, seu espectro continua a insistir (p.37).

¹ A biopolítica gerencia o funcionamento das populações para que sejam maquinamente mais eficientes e produzam sempre mais, respondendo aos interesses econômicos. Os que não respondem a essa regulamentação normalizadora, tornam-se abjetos, supérfluos, descartáveis.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Retomando o texto freudiano acerca do Mal Estar na Cultura (1930), Marcuse volta-se, então, para a análise do que constitui a cultura e suas manifestações na psicologia individual. Parte da ideia freudiana de que a cultura é construída graças ao sacrifício das pulsões, sacrifício repressivo que sustenta o estabelecimento da lei e da ordem, a transformação do princípio do prazer em princípio da realidade, da transformação da atividade lúdica, erótica, em força de trabalho. E daí a constatação – que logo em seguida será questionada – de que o contínuo crescimento da produtividade, resultante da força do trabalho, constiuir-se-ia numa promessa de vida melhor para todos. Mas, como já afirmamos acima, a conquista de uma série de realizações caminha *pari i passo* com uma crescente destruição do homem pelo homem.

Mas, insiste Marcuse, não haverá outra forma de se pensar essa relação? Em sua resposta, aponta para outras perspectivas de futuro; perspectivas que teriam que romper com o componente histórico social específico do princípio da realidade, que até hoje nos parece tão familiar e tão maximizado: o Princípio do Desempenho.

Vejamos, então, o que ocorreu em outro momento histórico - a partir da década de 70, com o fim da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim -, quando novas perspectivas se abriram como projetos possíveis de mudança, levantando-se, novamente, a crença de que se atingiria um novo patamar civilizatório e o mercado se expandiria garantindo uma modulação reguladora das trocas comerciais entre as nações.

Em verdade, deu-se a repetição do mesmo. Manteve-se a primazia do conservadorismo contrarrevolucionário; o Mercado² passou a ocupar o lugar central na conjugação da vida e os Estados Unidos um lugar de proeminência retomando o velho ideário do Imperialismo, justificando as invasões aos países do Oriente Médio, com o álibi de “combate ao terrorismo e defesa da democracia”. Por parte da Rússia, o outro polo da Guerra Fria, assistimos também, a uma tentativa de retomada de antigos territórios que faziam parte do Pacto de Varsóvia, tentando recompor a Grande Rússia.

Desde então, registra-se uma intensidade crescente dos armamentos de guerra, um aumento dos conflitos, da dizimação da população civil e a conseqüente expansão

² A afirmação de Margaret Thatcher de que não sabia o que queria dizer *Sociedade*, mas que reconhecia apenas o *Mercado*, é um marco histórico do triunfo do neoliberalismo que foi se disseminando globalmente (Birman,2024, p.11)

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

de refugiados que passam a transitar entre fronteiras e entre mares, sem encontrar lugares de segurança dignos de acolhida.

A expansão também constante de notícias e ameaças vindas do que me permito chamar de “armamentos digitais” – fake News e excesso de informações, impede o pensamento e a crítica sobre o terror diário que nos atinge e dessubjetiva. Jurandir Freire Costa (2024) refere-se a essa estratégia política como “mentira coletiva: ela é permanente e deliberadamente propagada com a finalidade de recrutar simpatizantes e militantes e de uniformizar as diferenças transformando-as em massas homogêneas e submissas aos chefes autoritários-totalitários. (p.30).

Talvez essa seja o palco mais recente para o que Foucault (1999) desenvolveu sobre os dois poderes que se articularam em torno da sexualidade: o da disciplinarização e o do biopoder em sua vertente negativa, sob o primado de Tântos. “Jamais, diz Foucault, as guerras foram tão sangrentas como a partir do século XIX... Populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver... os massacres se tornaram vitais” (p.129). Viver condensa aqui, podemos dizer, uma série de outros interesses de domínio. Mantém-se, assim, a exploração dos países subalternos, submetidos à lógica extrativista e mercantilista de uma face velada de colonização onde no extremo o que se pretende é a aniquilação do outro e a posse de seus territórios.

No cotidiano da vida do trabalho, o avanço do neoliberalismo tem acirrado as exigências de suficiências e desempenho, constituindo-se como imperativo e tornando-se, também, palco de manifestações sintomáticas do desgaste psíquico e da violência. Em nossa realidade, temos ainda que considerar os efeitos de uma história marcada pela escravização e pela exploração estrutural do trabalho.

A dessubjetivação, tão presente nessas condições de precarização do trabalho, manifesta-se pela deserotização dos corpos que se voltam mecanicamente para a execução de suas atividades, respondendo cada vez mais às demandas de desempenho, deixando às margens os que não conseguem se inserir ou os que são vistos como ameaça à possibilidade de autorealização. A violência da exclusão tem mostrado consequências drásticas: xenofobia, revolta dos jovens marginalizados, depredações, aumento da população de rua e de foragidos de lugares onde tem sido

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

impossível sobreviver. Os que não conseguem ter acesso ao reconhecimento ficam identificados a um lugar de deterioração e de humilhação social; a um não-lugar³.

O filme dos irmãos belgas Jean Pierre e Luc Dardenne (2014) *Dois dias, uma noite*, trata dessas questões. O filme passa-se na Bélgica, mas o seu cenário não é o do glamour das belas cidades europeias: trata-se de situações vividas na periferia, num bairro com muitos imigrantes e com uma luta diária para sobreviver. Sandra, a personagem central, vivida por Marion Cotillard, corre o risco de ser demitida, depois de um afastamento por depressão. Seu retorno depende da votação dos companheiros de trabalho que, se optarem pela sua volta, perdem o direito a um bônus de 1000 euros. Ela perde a primeira votação e tenta revertê-la procurando os antigos companheiros. O filme acompanha essa busca do final de semana, a posição de cada um, os conflitos morais, a solidariedade ou sua ausência, a revolta diante do pedido, a vergonha e a humilhação não só de Sandra, mas também dos outros que se veem diante da decisão a ser retomada. Mas o filme também pode ser visto sobre o ângulo mais amplo da precariedade da vida, das condições de sobrevivência e das exigências que desconsideram a ética e a dignidade das relações humanas.

É nessa lógica de competitividade e individualismos acirrados que se inscreve a dinâmica contemporânea do trabalho. E também a retomada do fascismo das classes dominantes. Ao comentar o fascismo e o stalinismo, Foucault (2005), assinalou que estes não foram inteiramente originais; apenas ampliaram os mecanismos já existentes nos mecanismos de exclusão e de extermínio do politicamente perigoso e do etnicamente impuro (p. 333).

A violência policial contra a população, (tão incentivada em nosso Estado), corrobora a continuidade desses mecanismos: atinge principalmente pretos, pardos e periféricos, tomados constantemente como “sujeitos suspeitos”. E só se torna visível, ganhando espaço nas mídias oficiais, quando atinge pessoas especiais. Exemplo típico é o de Jefferson Tenório, escritor negro de 47 anos, autor de *O avesso da pele*, que declarou recentemente, depois de uma nova abordagem policial, ser esta a 16ª. vez em que isso acontece com ele. Ou, o ocorrido com 4 jovens adolescentes, em Ipanema, sendo três deles filhos de embaixadores, o que obrigou o Itamaraty a se desculpar pela

³ Aqueles que ganham representação, especialmente autorepresentação, detém melhores chances de serem humanizados. (Judith Butler, 2011).

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

violência cometida. Quando se trata dos que ainda não conseguiram ganhar visibilidade, seu destino é o anonimato e a vala comum.

Essa prática de domínio e exclusão de direitos é antiga: Sylvia Colombo descreveu na FSP de 16/6/24, a tática violenta da United Fruit Company, uma empresa americana criada em 1899, nas plantações de frutas na América Latina. A empresa punha e tirava caudilhos dos países cujo mercado queria dominar e combatia com violência as reivindicações trabalhistas por melhores salários e condições de vida. Dessa ação herdamos, nos diz a autora, o título de república de bananas, com mão de obra barata, quase escrava, destinada a produzir complementos para a economia mundial e exposta a perturbações políticas constantes.

Recentemente, uma denúncia sobre o uso mercadológica dos dados obtidos pelo acordo firmado, em 2020, com o Reino Unido, para a digitalização do SUS, revelou o risco da mesma estratégia extrativista e colonizadora, evidenciando uma tendência da plataformização dos dados da saúde e o uso desses dados para fins comerciais, sem que haja participação na sua coleta e uso por parte dos próprios usuários. E, além disso, a ameaça sempre presente de privatização do SUS.

Para além dessa situação específica, há uma crise global que atinge os sistemas de saúde pública, em particular na retenção e recrutamento de trabalhadores para essa área. Genevieve Gencianos, ligada ao Public Services International, em uma conferência realizada em Bruxelas, em 29/6, junto com outros ativistas, sindicalistas e autoridades de saúde, chamou a atenção para a necessidade e urgência em desenvolver estratégias de forças de trabalho que beneficiem a todos. De acordo com seu pronunciamento há “uma escassez de 10 milhões de trabalhadores de saúde e cuidados até 2030, que é resultado de uma crise da redução dos sistemas públicos de saúde e cuidados em nome da agenda neoliberal de extração de lucros à custa dos direitos dos trabalhadores e da saúde das pessoas”. Houve um aumento da carga e das horas de trabalho e uma redução dos salários levando ao esgotamento dos trabalhadores e ao seu afastamento. Para suprir esses afastamentos, os países europeus começaram a recrutar trabalhadores de outros países, exportando a crise para lugares cada vez mais empobrecidos e tratando os profissionais migrantes como mercadoria barata. Denunciando esse movimento, Matilde De Cooman, uma das organizadoras da Conferência, afirma que não há falta de trabalhadores, o que há, é uma escassez de empregos viáveis, bons salários e boas condições de trabalho.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Essa dinâmica abusiva e alienante se reflete em outras frentes e com outras profissões. Paloma, uma jovem publicitária, que tomo aqui como nomeação do que acontece a uma série de coletividades do trabalho, sofre com o desgaste decorrente do excesso de demandas e com metas difíceis de cumprir. Para ela e seus companheiros é evidente a necessidade de se aumentar o número de funcionários. No entanto, essa é uma empresa dependente da matriz americana e a contratação de mais trabalhadores fica sempre na dependência da aprovação da matriz que avalia a produtividade e a resposta às demandas estabelecidas por gestores que não acompanham o cotidiano dessas tarefas. Paloma fica, portanto, sujeita a um enunciado que lhe chega como verdade, que bloqueia sua autonomia e a dessubjetiva.

Retomo, então, a pergunta inicial. É possível mudar essa relação de dominação e maximização do desempenho? Sustentar o que Marcuse anunciou como aposta na luta pela vida? Uma aposta na luta por Eros, uma forma política de resistência?

O que Marcuse propõe o ao longo de sua obra é da ordem de uma certa utopia: a possibilidade de uma civilização em que a distribuição dos bens atenda às necessidades individuais e Eros atue a favor da Cultura, eliminando-se as forças de dominação e a alienação do trabalho marcado pela exigência do Desempenho.

Ora, é necessário não perder de vista que essas conquistas, caso fossem possíveis, estariam sempre sob a égide do conflito interno e externo, e que seria fundamental manter a luta e a resistência;

Sustentar mecanismos coletivos de reparação, de vida e de trabalho compatíveis com o que Mbembe (2018) chamou do comum: “só há um mundo e todos temos o direito de viver nele. Mas, para construir este mundo que nos é comum, será preciso restituir àqueles e àquelas que foram submetidos a processos de abstração e de coisificação na história, a parte da humanidade que lhes foi roubada; ... reiniciar o jogo de reciprocidade, sem o qual não pode haver elevação da humanidade”.

Em *A nova razão do mundo – ensaio sobre a sociedade neoliberal*, Pierre Dardot e Christian Laval (2016), também nos convidam ao exercício do comum. Para isso, é preciso um ato potente de recusa: “a recusa de se conduzir em relação a si mesmo como uma empresa de si, a recusa de se conduzir em relação aos outros de acordo com as normas da concorrência... a recusa do total autoengajamento na corrida ao bom desempenho, estabelecendo em contrapartida, relações de cooperação, compartilhamento e comunhão”. (p.400)

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Valter Hugo Mãe (2019) disse num livro poético e sensível chamado *As mais belas coisas do mundo* que para mudar o mundo é preciso sonhar acordado. E acrescentou: apenas os que desistiram guardam o sonho para o tempo de dormir. Como psicanalista, digo ao poeta-escritor que os sonhos do tempo de dormir também preparam os do tempo em que se sonha acordado. Tempos de aposta no impossível quando tudo parece contradizê-lo. Tempos em que seja possível afirmar que a vida não é útil e que o Mercado não é senhor da terra.

Referências:

Birman, J. (2024) *Guerra e política em psicanálise*. Rio de Janeiro. RJ: Civilização Brasileira.

Butler, J. (2011) *Vida Precária*. Contemporânea. Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos. Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n.1, pp.13-33

Costa, J. F. (2024). *Além do princípio do pudor*. São Paulo. SP: Zagodoni.

Dardot, P. & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (Trad. M. Echalar). São Paulo. SP: Boitempo.

Foucault, M. (1999). *História da sexualidade: a vontade do saber*. São Paulo.SP: Graal

----- (2005). *Em defesa da sociedade* (Trad. M.E.Galvão), São Paulo. SP: Martins Fontes.

Freud, S. (1921). *Psicologia de las Masas e Analisis del Yo*. *Obras Completas*. Argentina. B. A: Amorrortu, v. 18

----- (1930). *El Malestar en la cultura*. *Obras Completas*. Argentina. B. A.: Amorrortu, v. 21.

Krenak, A. (2020) *A vida não é útil*. São Paulo. SP: Cia das Letras.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

La Boétie, E. (1576-1982) *Discurso da servidão voluntária* (Trad. L.G.Santos). São Paulo. SP: Brasiliense

Mãe, V.H. (2019). *As mais belas coisas do mundo*. Biblioteca Azul.

Marcuse, H. (1955-1956 - sd). *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. São Paulo. SP: Círculo do livro

Mbembe, A. (2018). *Crítica da Razão Negra*. (Trad. Sebastião Nascimento). São Paulo:SP. n-1

Zizek, S. (2003). *Bem-vindo ao deserto do real!* São Paulo. SP: Boitempo

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL